

Emigração e envelhecimento na periferia: o caso do concelho de Melgaço

Albertino Gonçalves

(in Migrações: História, Economia e Encontro de Culturas, Actas das Quintas Jornadas de História Local, Câmara Municipal de Fafe, Fafe, 2004, pp. 61-71)

A emigração foi um dos fenómenos que mais marcou, na segunda metade do século XX, a sociedade portuguesa. Afectou, no entanto, umas regiões mais do que outras, sobressaindo os concelhos do arco interior do Minho pela amplitude da incidência da emigração, nomeadamente para França.

Os efeitos da emigração ao nível local são muitos e complexos. A maior parte já foi, aliás, ampla e adequadamente estudada. Limito-me, por isso, a enumerar apenas alguns:

- Excessiva dependência da economia local em relação à emigração;
- Sazonalidade da actividade social e económica, demasiado concentrada nos meses de Verão;
- Peso relativamente elevado do sector terciário (comércio, administração e actividades financeiras);
- Entorpecimento da agricultura, ao nível das estruturas, da organização, dos processos de produção e da comercialização;
- Subdesenvolvimento da indústria, polarizada pela construção civil;
- Poder de compra sem correspondência na actividade económica local, gerador de pressão inflacionista;
- Renovação da paisagem, com destaque para as “casas dos emigrantes”;
- Alteração dos estilos de vida em diversas vertentes, tais como os usos do tempo, do espaço e do corpo, as expectativas de vida, as relações entre gerações, a habitação, a alimentação e, de um modo geral, o consumo;
- A abertura ao mundo dos residentes, propiciada pelas experiências de vida em sociedades distantes e distintas;
- O desenraizamento e a síndrome do “desaninho” que acompanham frequentemente os emigrantes não só após a partida mas também aquando do regresso, fazendo-os sentir-se “estranhos em terra alheia e estrangeiros no seu lugar”. Esta tensão e fragmentação identitária não deixa de se estender aos próprios residentes;
- Por último, a desvitalização demográfica e o envelhecimento da população. Com a emigração, partiram os mais jovens, homens e mulheres, em plena idade activa;

regressam em idade avançada, muitos já reformados. O resultado traduz-se numa escassez local de activos jovens e adultos, bem como no aumento da proporção de idosos. O efeito da emigração no sentido do envelhecimento da população exerce-se, assim, segundo três modalidades principais: 1) a saída dos mais jovens, que são também aqueles que têm maiores probabilidades de ter filhos; 2) nascem, por conseguinte, menos crianças; e 3) o contingente de idosos aumenta com o regresso dos emigrantes em idade avançada.

O presente artigo não aborda, naturalmente, este conjunto de efeitos da emigração. Cinge-se a alguns aspectos respeitantes ao envelhecimento e confina-se ao concelho de Melgaço, recorrendo aos resultados de um inquérito à população idosa, promovido pelo Conselho Local de Acção Social, tendo em vista a elaboração do Diagnóstico Social¹. A amostra contemplou 25% da população com 60 e mais anos de idade, tendo sido extraída aleatoriamente a partir dos cadernos eleitorais das freguesias. Foram entrevistadas, em 2003, 866 pessoas, sendo 489 mulheres e 377 homens (ver quadro 1)².

Quadro 1. Distribuição da amostra por sexo e idade

	sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Foi emigrante	275 72,9%	53 10,8%	328 37,9%
Não foi emigrante	102 27,1%	436 89,2%	538 62,1%
Total	377 100,0%	489 100,0%	866 100,0%

Fonte: Inquérito aos idosos, Melgaço, 2003

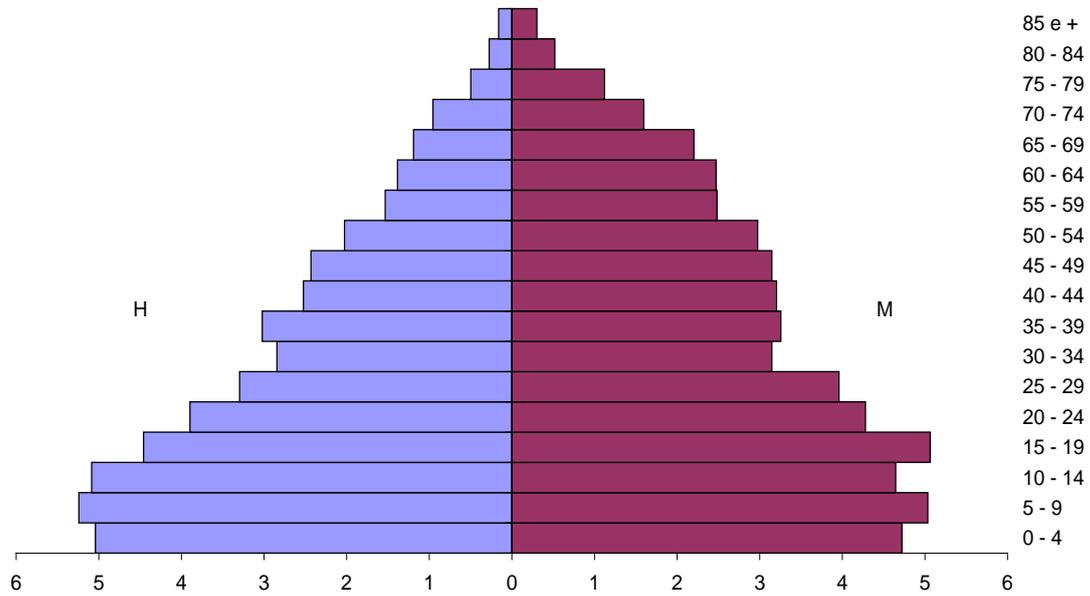
O impacto da emigração na evolução da população do concelho de Melgaço torna-se particularmente nítido se compararmos as distribuições por sexo e idade correspondentes aos censos de 1950, 1981 e 2001.

A pirâmide etária de 1950, anterior ao surto da emigração, apresenta uma forma “normal”, a população diminuindo gradualmente com a idade (ver gráfico 1). Por esta altura, havia, em Melgaço, três jovens para cada idoso.

¹ *Diagnóstico Social do Concelho de Melgaço*, Conselho Local de Acção Social, Melgaço, 2003.

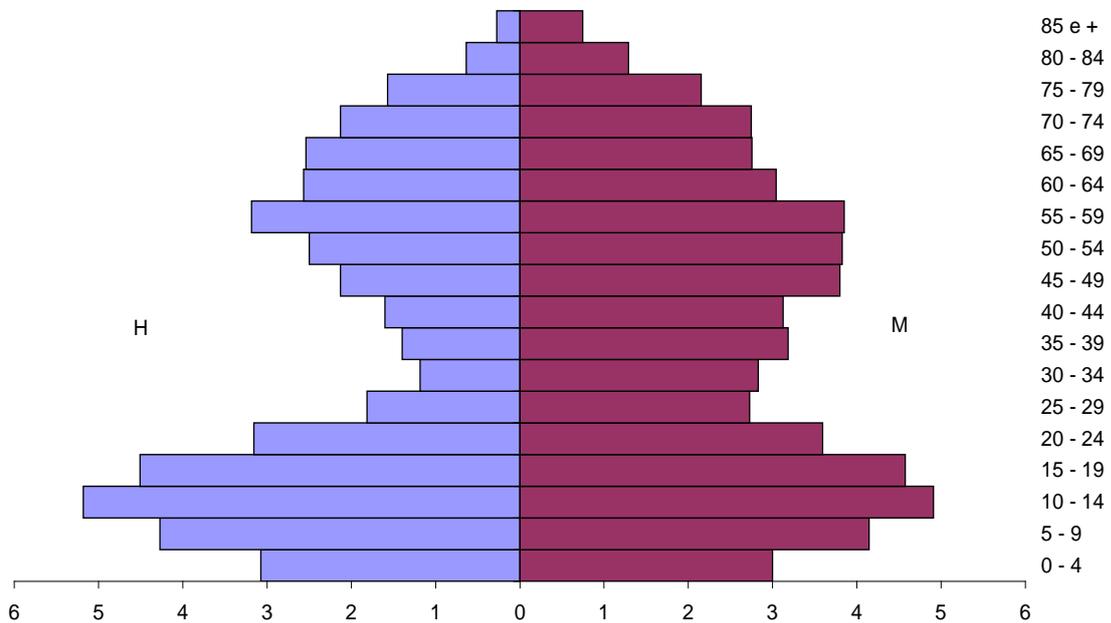
² Sob responsabilidade de Albertino Gonçalves, este inquérito foi coordenado localmente por Diana Silva e Luísa Gomes, com o apoio dos parceiros da Rede Social concelhia.

Gráfico 1. Pirâmide de idades: Melgaço, 1950



Fonte: *Recenseamento Geral da População (1950)*, INE, Lisboa

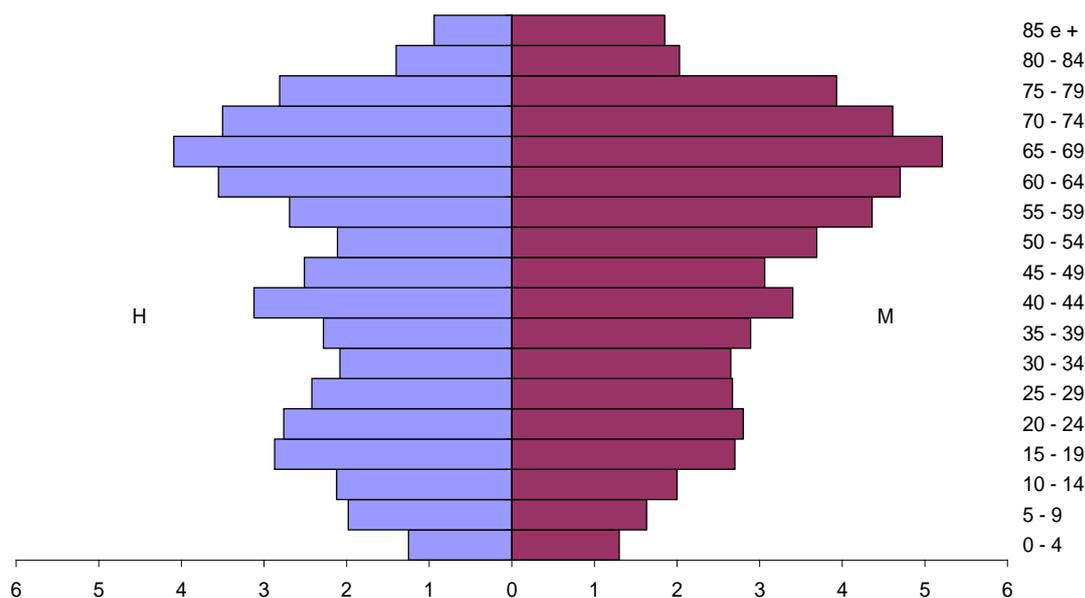
Gráfico 2. Pirâmide de idades: Melgaço, 1981



Fonte: *Recenseamento Geral da População (1981)*, INE, Lisboa

Em 1981, a pirâmide, bastante irregular, evidencia a erosão provocada pela emigração: duas enormes “dentadas”, a maior cabendo aos homens, afectam as idades compreendidas entre os 15 e os 59 anos (ver gráfico 2).

Gráfico 3. Pirâmide de idades: Melgaço, 2001



Fonte: *Recenseamento Geral da População (2001)*, INE, Lisboa

No censo de 2001, a distribuição da população retoma a forma de uma pirâmide, só que agora invertida (ver gráfico 3). Ao contrário de 1951, a população tende agora a aumentar com a idade, tornando patente a quebra da natalidade (envelhecimento pela base), a continuação da saída dos jovens e adultos e, por último, o aumento da esperança de vida e o regresso dos emigrantes (envelhecimento pelo topo).

Esta dinâmica contribuiu para que Melgaço se tenha tornado num caso especialmente agudo de envelhecimento demográfico. Segundo dados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2002³, havia, em Melgaço, 307.5 idosos (com 65 e mais anos) por cada 100 jovens (até aos 14 anos). Em termos de índice de envelhecimento, na Região Norte, apenas dois concelhos, Vimioso (311.7) e Vinhais (308.6), acompanham Melgaço com valores acima das três centenas. A título indicativo, o valor do índice era em Portugal 105.5 e na Região Norte 84.2. Em suma, com mais de três idosos por cada jovem, o índice de envelhecimento do concelho de Melgaço é o inverso de 1951, o triplo do País e o quádruplo da Região Norte⁴.

³ INE, Indicadores Demográficos em 2002.

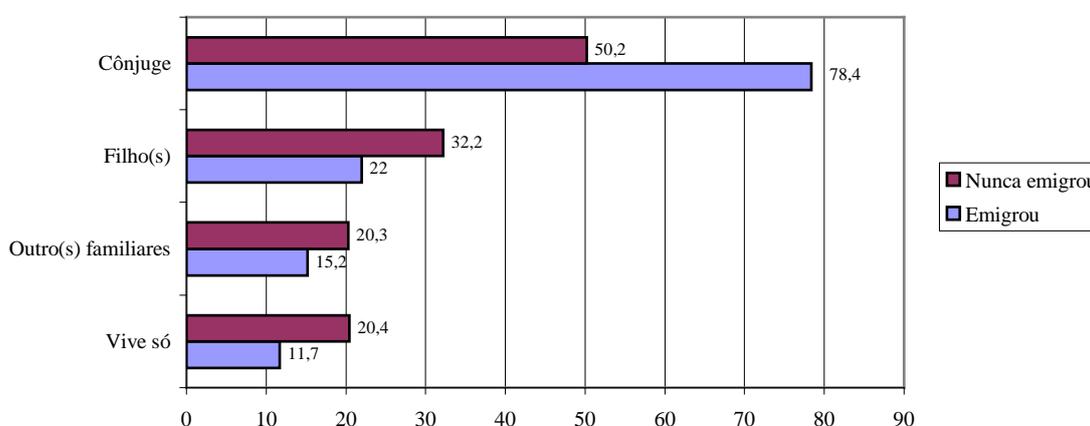
⁴ Convém especificar que Melgaço, à semelhança dos demais concelhos do Minho, é caracterizado por uma significativa heterogeneidade interna. Por exemplo, as freguesias ditas “do monte” distinguem-se claramente das freguesias ditas “da ribeira”. Enquanto que o índice de envelhecimento atingia, segundo o censo de 2001, 255 no conjunto das freguesias da ribeira, este valor subia para 474 no conjunto das

Por seu turno, a taxa de natalidade de Melgaço situa-se, em 2002, entre as mais baixas da Região Norte: 6.1‰. Abaixo deste valor, só quatro concelhos, todos de Trás-os-Montes: novamente, Vimioso (4.6) e Vinhais (5.5), a que se juntam Torre de Moncorvo (5.4) e Miranda do Douro (5.9). No País e na Região Norte, a taxa de natalidade era praticamente o dobro, ou seja, respectivamente 11.0‰ e 11.3‰.

O inquérito aos idosos proporciona-nos informação preciosa a respeito do regresso dos emigrantes. Como se pode observar no quadro 1, perto de quatro em cada dez (37.9%) residentes com 60 ou mais anos de idade foram emigrantes. Este valor ultrapassa os sete em cada dez (72.9%) se nos ativermos apenas aos homens⁵. Esta taxa, muito elevada, de regresso dos emigrantes, característica do concelho de Melgaço, concorre para explicar o alto nível de envelhecimento da população.

O facto de se ter sido ou não emigrante condiciona a ancoragem social. A ausência prolongada no estrangeiro não deixa de se reflectir na quantidade e na qualidade dos laços familiares e sociais de proximidade.

Gráfico 4. Composição do agregado doméstico (com quem vive)



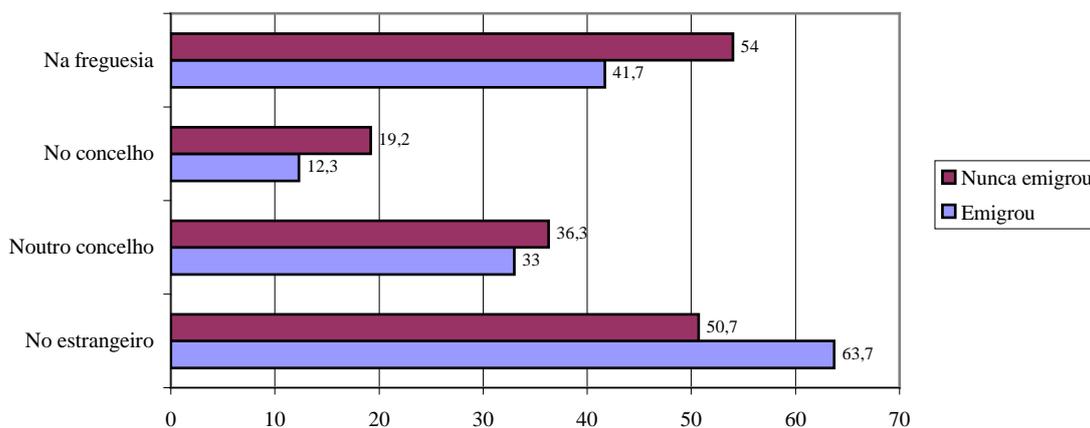
Fonte: Inquérito aos idosos, Melgaço, 2003

Em primeiro lugar, os residentes que foram emigrantes têm menos probabilidade de viver com filhos do que aqueles que nunca emigraram: 22.0% contra 32.2% (ver gráfico 4). Algo semelhante acontece com a presença de “outros familiares” (15,2% contra 20,3%).

freguesias do monte. Em algumas das freguesias do monte, registavam-se valores acima de seis idosos para cada jovem: Gave, 664; Castro Laboreiro, 640; Fiães, 614; Couso, 605.

⁵ Este valor sobe para nove em cada dez homens (90.5%) nas freguesias do monte.

Gráfico 5. Local de residência dos filhos



Fonte: Inquérito aos idosos, Melgaço, 2003

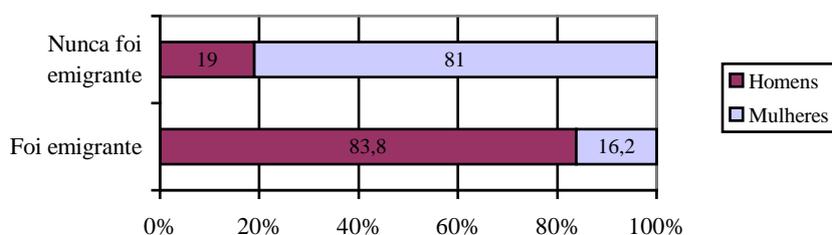
Mas o dado mais curioso diz respeito à co-habitação com o cônjuge e ao “viver só”. Há uma menor proporção de ex-emigrantes a viver sós (11,7% contra 20,4%) e, sobretudo, uma maior proporção a viver com o cônjuge (78,4% contra 50,2%, ou seja, uma diferença de 28.2 pontos percentuais).

Como explicar este fenómeno?

Pode-se avançar a hipótese de que os emigrantes que vivem mais isolados no estrangeiro (celibatários, viúvos...) apresentam menos propensão para o regresso, ao contrário dos demais que tendem a regressar com a família ou para junto da família. Este filtro provocaria uma subrepresentação das categorias de ex-emigrantes a viver sós ou sem a companhia do cônjuge. Mas por muito plausível que esta hipótese se manifeste, ela não pode explicar senão uma pequena parcela da diferença observada.

Comedindo os voos de espírito, talvez se ganhe em encarar motivos bem mais simples.

Gráfico 6. Distribuição por sexo e percurso migratório



Fonte: Inquérito aos idosos, Melgaço, 2003

No concelho de Melgaço, pelo menos no que respeita às gerações abrangidas pelo inquérito (60 e mais anos), a emigração caracterizou-se por uma alta taxa de masculinidade. Em consequência, a proporção de mulheres é entre os ex-emigrantes muito baixa (16,2%) e muito alta (81%) na população que nunca emigrou (ver gráfico 6).

Sabe-se, por outro lado, que, de um modo geral, a esperança de vida à nascença das mulheres é maior do que a dos homens. Neste domínio, o concelho de Melgaço não é excepção: segundo dados publicados pelo INE referentes a 1996/98, as mulheres vivem em média 77,7 anos, enquanto que os homens se ficam pelos 73,6, ou seja, menos 4 anos⁶,

Logicamente, quem vive mais tempo tem mais probabilidade de enviuvar e, até, de morar sozinho. Nesta linha, como mostra o quadro 2, a viuvez afecta mais as mulheres (40,2% são viúvas) do que os homens (13,5%).

Quadro 2. Estado civil segundo o sexo

		estado civil					Total
		Solteiro	Casado	Divorciado	Separado	Viúvo	
sexo	Masculino	14 3,7%	307 81,4%		5 1,3%	51 13,5%	377 100,0%
	Feminino	57 11,7%	224 45,9%	8 1,6%	2 ,4%	196 40,2%	488 100,0%
Total		71 8,2%	531 61,4%	8 ,9%	7 ,8%	247 28,6%	865 100,0%

Fonte: Inquérito aos idosos, Melgaço, 2003

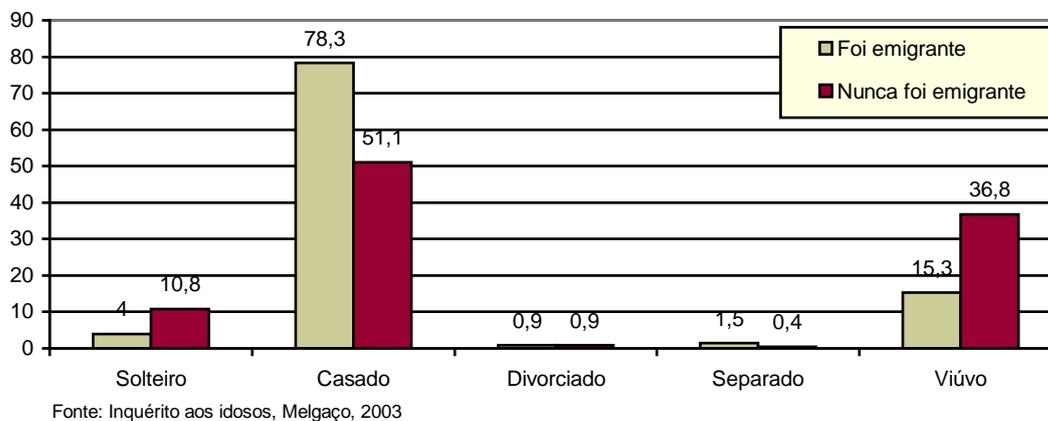
Para o propósito da presente análise, para além da viuvez, convém considerar o celibato, uma realidade tradicionalmente mais feminina, que os resultados do inquérito comprovam: 11,7% das mulheres são solteiras, contra 3,7% dos homens. Estas duas tendências conjugam-se no sentido de uma maior percentagem de viúvos e de pessoas a viver sós no seio da população não emigrante. No gráfico 7, pode-se constatar que entre os residentes que nunca emigraram, há mais viúvos (36,8% contra 15,3%) e mais solteiros (10,8% contra 4,0%) do que entre os residentes que foram emigrantes.

A disparidade de taxas de masculinidade entre as duas populações (não emigrantes e ex-emigrantes) contribui decisivamente para explicar as diferenças

⁶ Almeida, Vanessa, *Natalidade, Mortalidade e Esperança de Vida à Nascença nos Concelhos Portugueses: uma correcção pela estrutura etária*, <http://www.ine.pt/prodserv/estudos/pdf/A2CR12.PDF>. Corrigindo os valores tendo em consideração a estrutura etária da população, a diferença resulta ainda mais pronunciada: perto de 7 anos (mulheres, 74,6 anos; homens, 67,7 anos).

relativas à composição dos agregados domésticos. Mas podem ainda ser aduzidos outros factores e outras hipóteses.

Gráfico 7. Estado civil segundo o percurso de emigração



Independentemente do sexo, os ex-emigrantes são, em média, dois anos mais novos do que os outros residentes (ver quadro 3). Nestas circunstâncias, aplica-se também o raciocínio atrás desenvolvido. Se os ex-emigrantes são, em média, mais jovens, então têm menos probabilidade de enviudar do que os demais. E por aí adiante...

Quadro 3. Idade média segundo o sexo e o percurso de emigração

	Homens	Mulheres	Totais
Foi emigrante	72,1	71,3	71,9
Não foi emigrante	74,7	73,3	73,6
Totais	72,8	73,1	72,9

As informações provenientes do inquérito não permitem esclarecer a razão da maior “juventude” dos ex-emigrantes. Tão pouco fundamentam a próxima hipótese, que, decorrente da observação, pode também estar, de algum modo, na origem desta diferença de idades.

Já foi referido que os ex-emigrantes podem, pela sua trajetória biográfica, estar inseridos, à escala local, em redes sociais de solidariedade menos densas e menos extensas. Acresce que a sua experiência no estrangeiro os tornou sobremaneira sensíveis à acessibilidade e à qualidade de determinados serviços, com destaque para os cuidados

de saúde. Precisamente, serviços cuja necessidade aumenta tende a aumentar exponencialmente com a idade.

Não raras vezes, com o avançar da idade, e da dependência, muitos ex-emigrantes voltam a equacionar, no “ocaso da vida”, a hipótese de partir. Hipótese que alguns concretizam, sobretudo quando ficam sós, após o desaparecimento do cônjuge. Partem, assim, para junto de familiares, eventualmente residentes no estrangeiro. Esta prática não é exclusiva dos ex-emigrantes, mas é neles mais frequente, concorrendo para que a sua idade média seja inferior, bem como a parte de pessoas a viver sem a companhia do cônjuge ou sós.

Aventamos algumas razões explicativas da diferença observada na composição dos agregados domésticos em função do percurso de emigração. Certamente não as esgotámos, pelo que este exercício pode ser prolongado até ao infinito. Nesta digressão, começámos por aludir aos efeitos da emigração para nos deixarmos, em seguida, enredar pelo descaminho de um pormenor inesperado. Na escrita, tal como na pesquisa, sabe-se onde se principia mas não onde se acaba. Na gíria sociológica, existe um termo para designar estes desvios do olhar do investigador suscitados por sereias imprevistas: “serendipidade”. Como Pascal escrevia há muitos séculos: “os rios são caminhos que andam e que levam aonde se quer ir”⁷.

⁷ Pascal, Blaise, *Pensamentos*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1998, p. 18.